

A arquitetura religiosa no projeto modernista de Brasília (DF – Brasil): entre o Catolicismo e as Novas Religiosidades

Pepita de Souza Afiune

Universidade Federal de Goiás

Goiânia - Goiás - Brasil

pepita_af@hotmail.com

Resumo: O presente artigo é fruto das pesquisas vinculadas à tese de doutoramento que está em fase de desenvolvimento, cujo tema se constitui na análise do embrionamento das múltiplas representações místicas de Brasília. O recorte temático propõe um debate sobre a presença de edificações religiosas no projeto modernista de Oscar Niemeyer. Apesar de a nova capital possuir características modernistas e futurísticas, percebemos que esse apego à modernidade não causou um distanciamento com o fator religioso. Teoricamente, baseamos a discussão em autores das ciências da religião e das ciências sociais que se debruçaram sobre o fenômeno religioso contemporâneo, entre os quais destacamos Mircea Eliade e Peter Berger. Esse debate visa as reviravoltas, ou negociações, que as sociedades contemporâneas vêm perfazendo diante das novas demandas espiritualistas.

Palavras-chave: Brasília. Modernismo. Religiosidades. Oscar Niemeyer.

Introdução

Em 1883 o padre Dom Bosco relatou a respeito de um sonho no qual um anjo ter-lhe-ia guiado em uma viagem pela América do Sul. O padre relatou a respeito da revelação que recebera sobre a localização geográfica da Terra Prometida aos homens para gestar uma nova civilização. Essa terra se localizaria entre os paralelos 15 e 20. Os construtores de Brasília utilizaram deste discurso para corroborar o seu projeto. De acordo com o historiador Lourenço Tamanini (1994), a vinculação de um trecho da profecia de Dom Bosco à construção de Brasília foi obra dos mudancistas goianos, preocupados com a possibilidade de a capital ser erguida no solo mineiro. Posteriormente, o próprio Juscelino Kubitschek (2000) relatou sobre o sonho do sacerdote, demonstrando sua crença na profecia em sua autobiografia *Por que construí Brasília*. Este tornou-se um dos mitos fundadores de Brasília mais popularizados.

Brasília cresce, desta forma, como uma cidade sagrada, não apenas em locais nos quais seus templos foram construídos, mas a cidade inteira passa a ser um espaço

sagrado. A capital atrai uma diversidade de grupos religiosos, místicos e espiritualistas a partir da segunda metade da década de cinquenta. Isso nos leva à discussão teórica a respeito da relação entre a modernidade e os espaços sagrados, para entendermos de que forma essa sacralização do espaço se configurou na nova capital brasileira. O homem moderno não abandonou o seu lado espiritual, demonstrando uma forte tendência pela busca por uma sacralidade nos espaços de seu cotidiano (ELIADE, 1992). Isso significa que a modernidade não implica no decréscimo da religiosidade, mas em uma turbulência de transformações.

A partir desta discussão teórica pretendemos desenvolver um debate relacionando metodologicamente fontes como relatórios, artigos e autobiografias de Oscar Niemeyer e Juscelino Kubitschek, documentos da Secretaria de Turismo de Brasília e a literatura esotérica. Essas fontes nos levam a compreender empiricamente de que forma a sacralização do espaço urbano se configura na arquitetura modernista de Brasília, procurando debater a respeito das novas demandas religiosas na contemporaneidade e a posição da Igreja Católica em relação a esse fenômeno religioso. Assim, propomos a problematização central do presente artigo: de que forma uma cidade projetada para ser uma capital política pautada nos preceitos modernistas tornou-se um aparato dotado de fortes representações religiosas e místicas.

Os espaços sacralizados no âmbito da modernidade

Mircea Eliade (1992, p. 13) se destaca nas pesquisas que se debruçam sobre a relação entre o homem e o sagrado, na qual, em primeiro lugar, surge o conceito de hierofania, que indica a “manifestação do sagrado”. A hierofania está presente na história das religiões chegando até o mundo ocidental moderno, representando a manifestação do sagrado em qualquer objeto ou elemento da natureza. “Toda a natureza é suscetível de revelar-se como sacralidade cósmica. O Cosmos, na sua totalidade, pode tornar-se uma hierofania”.

Para o homem das sociedades pré-modernas, alcunhado por Eliade como *homo religiosus*, toda a sua realidade estava sustentada pelos mitos, símbolos¹ e ritualidades,

¹ Para Eliade, os símbolos sagrados aparecem nos rituais e nos mitos, representando a forma de o homem ver o mundo, representam o *ethos* de um povo, significando determinados aspectos para cada sociedade, como as abstrações de suas experiências, ideias, crenças, atitudes. Quando falamos em *ethos*, referimo-nos, a partir de Geertz (2008, p. 93) a uma conjuntura de aspectos morais e estéticos de um determinado

cuja liderança estava nas entidades superiores. O homem moderno, por sua vez, alcunhado pelo autor de *a-religioso*, lida com a hierofania de uma outra forma, já que ele procura desmistificar a sua existência e tudo ao seu redor. O homem moderno dessacralizou e profanou os elementos da natureza e determinados ritos e costumes, mas não aboliu completamente o comportamento religioso. A essa prática Eliade atribui o termo *cripto religioso*. De certa forma, ele descende do *homo religiosus*, conservando vestígios de seu comportamento. Ele não pode negar o seu passado, pois é produto do mesmo. Apesar de suas negações, continua se portando religiosamente, mesmo que seja um autodeclarado “sem religião”. O homem *a-religioso* é aquele que carrega um bojo de mitologias e simbolismos ainda que camuflados sob ritos de passagem, como o Ano Novo, o casamento, ou o nascimento de um novo membro da família.

Em Brasília isso é bem visível. O homem moderno, inserido no contexto de uma cidade moderna, se sente atraído pelo turismo místico da região. A Secretaria de Turismo do Distrito Federal (2017) definiu seis modalidades de Turismo, estando entre elas o Turismo Místico e Religioso. O *Guia de Roteiros de Brasília* traz a lista dos templos, dos monumentos e das comunidades religiosas: Capela São Francisco de Assis, Catedral Metropolitana Nossa Senhora Aparecida, Catedral Santa Maria dos Militares - Rainha da Paz, Comunhão Espírita, Ermida Dom Bosco, Federação Espírita Brasileira, Igreja Messiânica Mundial do Brasil, Igreja Adventista do Sétimo Dia, Igreja Batista Central de Brasília, Igreja Nossa Senhora de Fátima (Igrejinha), Mesquita do Centro Islâmico do Brasil, Mosteiro de São Bento, Paraíso na Terra (Instituição Teosófica), Oratório do Soldado, Santuário Dom Bosco, Santuário Menino Jesus de Praga, Santuário da Mãe Rainha e Vencedora Três Vezes Admirável de Schoenstatt, Templo Shin Budista da Terra Pura, Templo da Boa Vontade (TBV), Templo da Rosa-Cruz, Templo Seicho-No-Ie do Brasil, Cidade Eclética, Cidade da Paz (UNIPAZ), Vale do Amanhecer (SECRETARIA DE TURISMO, 2017, p. 92 – 93). Eles também informam que existem mais de oitocentos templos das mais variadas religiosidades. Dentre todas as categorias de pontos turísticos, o Complexo da Legião da Boa Vontade é um dos mais visitados, tendo cerca de cem mil visitantes por mês, segundo dados da Secretaria. O TBV foi eleito entre as Sete Maravilhas de Brasília, juntamente com Catedral Metropolitana e o Santuário Dom Bosco, o que mostra a forte presença da religiosidade no seguimento turístico. Esses dados nos mostram que o homem *a-religioso* revela uma capacidade para

grupo ou uma determinada cultura. Esse termo é recente na Antropologia e tornou-se central para entender as religiões, pois ele se constitui a base delas.

se reintegrar a novas experiências religiosas durante sua vida, assim como debate Eliade (1992).

Eliade (1992, p. 19) nos mostra que os templos, quando inseridos em cidades modernas, tornam-se o limiar entre o espaço sagrado e o profano. São ao mesmo tempo o local no qual os dois mundos se comunicam (profano e sagrado), mas nele se pode efetuar a passagem do primeiro para o segundo. “O limiar, a porta, mostra de uma maneira imediata e concreta a solução de continuidade do espaço; daí a sua grande importância religiosa, porque se trata de um símbolo e, ao mesmo tempo, de um veículo de passagem”.

O espaço interior do templo permite a transcendência do mundo profano. Essa ideia que foi debatida por Eliade (1992) me remete ao momento que visitei o templo da Legião da Boa Vontade, cujo formato é piramidal, e dentro do qual se realiza um rito específico, praticado em um desenho de um espiral em preto e branco no seu piso (Figura 1). O praticante percorre esse espiral até chegar ao centro do templo, local no qual ele se depara sob o maior cristal encontrado no mundo, que está no cume da pirâmide. No local, o visitante faz as suas meditações e orações e efetua o caminho do retorno pelo mesmo espiral, e todo esse rito tem as suas simbologias. De acordo a Legião da Boa Vontade:

O caminho de cor escura que gira em sentido anti-horário representa a difícil jornada humana na busca de um ponto de equilíbrio. No centro da pirâmide, exatamente sob o cristal, Paiva Netto fez colocar uma placa redonda de bronze, que simboliza a descoberta da Luz e o início de uma nova jornada. Já o caminho de cor clara, em sentido horário, representa a trilha iluminada pelos valores morais e espirituais adquiridos pelo esforço próprio do ser humano, terminando no Trono e no Altar de Deus, de quem recebe as bênçãos (LBV, 2014, p. 114).



Figura 1 – Interior doTemplo da Boa Vontade

Fonte: Portal Boa Vontade (2016). Foto de André Fernandes. Disponível em: <https://www.boavontade.com/pt/noticias/esta-de-ferias-programe-uma-visita-ao-templo-da-boa-vontade>.

Esse recinto sagrado de acordo Eliade (1992) possibilita a comunicação com o sagrado. O templo traz desta forma uma abertura para o alto, assegurando essa comunicação com o plano superior, principalmente se analisamos o seu formato piramidal, que implica justamente nessa ideia, de alcance dos céus.

Em muitos momentos, de acordo Eliade (1992), qualquer elemento pode ser considerado um sinal de sacralidade de algum lugar, e isso mostra que não é o homem que escolhe o local, pois ele já é pré-determinado pelo desígnio divino, tendo o homem apenas a tarefa de descobri-lo, como é o caso do sonho-visão do padre Dom Bosco.

É importante compreender que a cosmização dos territórios desconhecidos é sempre uma consagração: organizando um espaço, reitera-se a obra exemplar dos deuses. A relação íntima entre cosmização e consagração atesta-se já aos níveis elementares de cultura [...] (ELIADE, 1992, p. 23).

O templo apenas define que aquele é um local no qual se manifesta o transcendental, assim, a capital atraiu uma diversidade muito heterogênea de templos, pois é considerada uma zona telúrica. A própria palavra de origem no latim *templum* significa “recinto, zona separada”, o que pode significar “sagrada” (FRADE, 2007, p. 19).

Gabriel Frade (2007) acrescenta que quando o homem constrói um templo ele está se referindo a um simbolismo cósmico. A ereção de um altar, ou algum outro tipo de ritualização efetuada em algum lugar, representa a consagração de um território, assim como foi realizada a Primeira Missa de Brasília. O que quero dizer com esse

assunto é que o comportamento religioso não é restrito aos homens pré-modernos, pois permaneceu até os tempos modernos, assim como nos mostra os autores.

A arquitetura religiosa em Brasília

Quando pensamos no espaço público de Brasília, encontramos *a priori*, dentro do projeto de Lúcio Costa, uma catedral prevista em disposição ao Eixo Monumental. Quando mencionamos as catedrais, nos referimos às obras mais expressivas da fé católica, que possuem a função simbólica de magnitude. A Catedral Metropolitana de Brasília (1970) permuta dois elementos que poderiam parecer antagônicos: modernidade e o sagrado. A modernidade se expressa pela técnica aplicada pelo arquiteto Oscar Niemeyer, e a importância do sagrado carrega um fato simbólico muito forte para a cidade. A Catedral se destacou dentre a arquitetura monumental, por se caracterizar por seu efeito escultórico, trazendo a visão gótica da luminosidade e uma busca pela perfeição nas formas (MARQUEZ, 2007).

A criação de uma estética dentro de padrões modernos também foi demonstrada por Lúcio Costa, que planejou a localização da Catedral em uma praça autônoma e lateral em relação ao eixo monumental (Figura 2), para representar a separação entre a Igreja e o Estado. Mas ao mesmo tempo, a sua disposição afastada valoriza a sua presença, lembrando que o Eixo Monumental tampouco se esqueceu de demonstrar a hierarquia dos poderes, afinal, é o Estado que regula todas as instituições e é ele quem deve estar na centralidade do Plano Piloto.

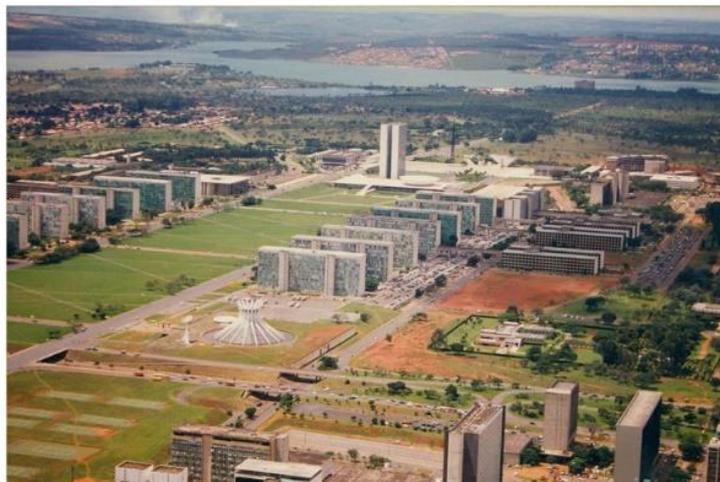


Figura 2 – Disposição da Catedral Metropolitana no Eixo Monumental
Fonte: Biblioteca do IBGE (s/d.). Disponível em:
<https://biblioteca.ibge.gov.br/biblioteca-catalogo.html?id=441712&view=detalhes>

Para Fábio Müller (2003, p. 22) a Catedral não estando disposta centralmente é uma forma de reafirmação da igreja reformada do século XX, mas que, ao mesmo tempo, tem também o seu papel fundamental na espiritualidade do homem. A Catedral não está em uma posição central na cidade, como assim eram dispostas as igrejas coloniais, mas ela integra o eixo principal em que o poder executivo reside.

Outro monumento presente no projeto da arquitetura monumental de Brasília é a Ermida Dom Bosco (1957), construída em homenagem ao co-padroeiro de Brasília, Dom Bosco. O engenheiro Israel Pinheiro foi o responsável pelas obras da construção da Ermida Dom Bosco. Era um católico fervoroso e devoto de Dom Bosco, por isso, desejava construir um monumento ao seu santo, e acreditava que o mesmo teria profetizado sobre a sua sonhada cidade. Ele propôs que a capela fosse construída sobre um morro, de forma que a estátua de Dom Bosco ficasse de frente para a cidade (VASCONCELOS, 1989, p. 71 e 75).

Treze anos depois da inauguração da Ermida Dom Bosco, em 1970, outro templo, por sua vez de caráter majestoso, foi construído em homenagem ao padre salesiano, o Santuário Dom Bosco. O Santuário foi iniciativa da Congregação Salesiana, e criado pelo arquiteto Carlos Alberto Naves. Foi eleito uma das sete maravilhas de Brasília no ano de 2008, pelo Bureau Internacional de Capitais Culturais. Em virtude das comemorações dos 200 anos do nascimento de Dom Bosco (2015), a Congregação Salesiana realizou uma peregrinação por vários países portando as urnas que guardam os restos mortais do santo. Em 2016 uma dessas urnas foi cedida para o Santuário Dom Bosco (SANTUÁRIO DOM BOSCO, 2018).

Na opinião de Emerson Giumbelli (2012), na década de 1950, contexto da construção de Brasília, o catolicismo no Brasil ainda era dominante, mas ao mesmo tempo ameaçado. A partir da metade do século XX percebemos uma flexibilização do quadro religioso no Brasil, que foi analisada por Antônio Flávio Pierucci (2004). O autor analisa o decréscimo ocorrido no número de católicos no Brasil de 1940 a 2000, entendendo esse fenômeno como um fato típico das sociedades pós-tradicionais, nas quais os laços tradicionais se decaem em um processo de desfiliação cultural dos indivíduos.

Essa relação da igreja católica com as novas religiosidades é analisada por Peter Berger & Anton Zijderveld (2012) como um dos fatores do processo de pluralidade religiosa, pois esse processo de pluralização altera as relações das instituições religiosas umas com as outras. Percebemos em Brasília essa convivência do catolicismo com as demais religiões nesse processo de negociação de coexistência. Isso porque a modernidade pluraliza e desinstitucionaliza (BERGER; ZIJDERVELD, 2012, p. 25).

A Catedral Metropolitana de Nossa Senhora Aparecida (1970)² (Figura 3), também obra de Niemeyer, por sua vez, surgiu da necessidade de a cidade servir a todas as religiões, não se restringindo ao catolicismo. Aconteceu uma reunião de cinco igrejas – Católica, Luterana, Ortodoxa, Metodista e Anglicana – em prol da unidade cristã, fato defendido pelo Papa João XXIII. A reunião aconteceu em um templo metodista, na qual todos rezaram o pai nosso, leram a Bíblia juntos, comentaram trechos, entoaram cânticos e celebraram o ecumenismo. Esse fato foi fundamental na construção da Catedral Metropolitana, que foi concebida como um templo de meditação sem distinção de religião (SILVA, 1971, p. 205).

² Teve sua construção iniciada em 1958. Sua estrutura já estava pronta em 1960 “onde apareciam somente a área circular de setenta metros de diâmetro, da qual se elevam dezesseis colunas de concreto (pilares de secção parabólica) num formato hiperboloide, que pesam noventa toneladas” (CATEDRAL METROPOLITANA NOSSA SENHORA APARECIDA, 2015), mas só foi inaugurada em 1970.



Figura 3 - Catedral Metropolitana de Nossa Senhora Aparecida (1970)

Fonte: Cidade Brasília (2012). Disponível em: <http://www.cidadebrasilia.com.br/turismo/interest.php?map=2&interest=14>

A Catedral se destacou no âmbito da arquitetura monumental, por se caracterizar pelo efeito escultórico, trazendo a visão gótica da luminosidade e uma busca pela perfeição nas formas (MARQUEZ, 2007). As esculturas de Alfredo Ceschiatti (Figura 4) demonstram uma influência barroca para conservar o seu estado de espírito religioso e ao mesmo tempo rompe com as suas regras, mudando formas e criando algo moderno.



Figura 4 – Os Anjos (1970), Alfredo Ceschiatti

Fonte: Autoria própria (2012).

Surgiram diversas interpretações³ de suas formas, como vários braços elevando-se em busca do céu, o “desabrochar de uma flor tropical ou de lótus” (MÜLLER, 2003,

³ Surgiram interpretações místicas a seu respeito. As suas dezesseis colunas curvas representam os dezesseis planetas (Missal, Mercúrio, Vênus, Terra, Marte, Dóton, Júpiter, Io, Veldha, Ganímedes, Saturno, Urano, Titânia, Netuno, Caronte e Kao). Do alto da Catedral descem três emissários (os anjos).

p. 30), uma coroa, que poderia ser a de espinhos de Cristo, ou uma gigantesca tenda. Sua forma circular advém de uma tradição religiosa, pois o círculo simboliza os ciclos da vida e o infinito. Representa uma reinvenção da arquitetura religiosa na modernidade, segundo Müller (2003, p. 30). O autor acrescenta que a Catedral atinge o céu sem qualquer intervenção que possa prejudicar o seu místico contato com o divino, uma das poucas arquiteturas cristãs do mundo ocidental que conseguiu tal prodígio.

Oscar Niemeyer procurou mostrar que suas propostas estão mais relacionadas à técnica, à liberdade plástica, sabendo conciliar com a influência das vanguardas artísticas, mas não deixa de transparecer minúcias de misticismo. Ele acreditava que a realização de uma arquitetura modernista em um país do terceiro mundo seria possível por trazer inovações e por ter liberdade de experimentação. De tal modo, ele publica em um artigo *Forma e Função da Arquitetura* (1959) discorrendo sobre a sua liberdade plástica e a sua relação com a fantasia e o êxtase:

Uma liberdade plástica quase ilimitada, liberdade que não se subordine servilmente às razões de determinadas técnicas ou do funcionalismo, mas que constitua em primeiro lugar, um convite à imaginação, às coisas novas e belas, capazes de surpreender e emocionar pelo que representam de novo, criador; liberdade que possibilite – quando desejável – as atmosferas de êxtase, de sonho e poesia (NIEMEYER, 1959, p. 03).

Niemeyer (2006, p. 09-10) em seu livro *Minha experiência em Brasília* relata que procurava mostrar uma simplicidade e nobreza ao mesmo tempo aos edifícios. Procurava trazer uma surpresa e emoção aos futuros visitantes da Nova Capital de forma a engrandecê-la e caracterizá-la, da mesma forma que a Praça de São Marcos na Itália e a Catedral de Chartres, que são obras que causam um impacto de beleza e audácia sem deixar de lado os aspectos formais e técnicos.

Niemeyer propõe dois tipos de edifício: o público, que teria caráter monumental, localizado em áreas livres, e as residências comuns localizadas em superquadras. Esses monumentos públicos terão visibilidade, apresentando um caráter escultural. Sua arquitetura pretendia subverter o cotidiano, o que se está acostumado a observar:

Formas novas, que surpreendessem pela sua leveza e liberdade de criação. Formas que não se apoiassem no chão rígidas e estáticas, como uma imposição da técnica, mas que mantivessem os Palácios como que suspensos, leves e brancos, nas noites sem fim do Planalto. Formas de surpresa e emoção que, principalmente, alheiassem o visitante – por instantes que fossem – dos

A água que circunda a catedral simboliza a revelação dos anjos aos seres humanos, e o túnel de acesso à Catedral representa a escuridão do interior do ser que necessita da luz divina. A Catedral possui a forma de um cálice emergindo da terra. Seus três anjos representam arceus, arcanjos e anjos - a trindade eterna (ADRIÃO, 2017, s/p.).

problemas difíceis, às vezes invencíveis, que a vida a todos oferece (NIEMEYER, 1959, p. 07).

Apesar de se autodeclarar como ateu, Niemeyer empreendeu muitos trabalhos na arquitetura religiosa. Esse interesse se explica pelo fato de que desde a sua infância, o arquiteto esteve intimamente em contato com o catolicismo, pela influência de seus avós. Durante a sua adolescência, passou a questionar os dogmas da igreja católica e conheceu o espiritismo, mas foi o ceticismo que lhe trouxe mais sentido para o mundo (SCOTTÁ, 2010, p. 34).

Para compreender a relação de Niemeyer com a religião, Luciane Scottá (2010) procurou a partir dos escritos do arquiteto elementos que confirmam o interesse pela arquitetura religiosa, já que sua dissertação tem como objeto a arquitetura religiosa de Oscar Niemeyer em Brasília. Além disso, a autora afirma que Niemeyer foi convidado por JK para projetar os edifícios de Brasília, incluindo também os religiosos, já que naquele momento (1956), o arquiteto já possuía um reconhecimento internacional por vários de seus trabalhos realizados anteriormente em Minas Gerais, e dentre eles, as edificações religiosas.

Scottá (2010) catalogou os edifícios religiosos de Brasília projetados por Niemeyer, realizando descrições técnicas: Capela Nossa Senhora da Alvorada (1958); Igreja Nossa Senhora de Fátima (1958); Catedral de Brasília (1970); Igreja do Instituto de Teologia (1962); Capela do Palácio Jaburu (1973); Igreja Católica Apostólica Ortodoxa Antioquina de Brasília (1988); Catedral Santa Maria dos Militares Rainha da Paz (1994); Capela do Anexo IV da Câmara dos Deputados (1994); Capela de Dom Bosco (2006).

Sobre suas relações particulares com a arquitetura religiosa, Niemeyer esclarece em uma entrevista publicada pelo *Correio Braziliense*:

[...] ao desenhar uma igreja, o arquiteto sente, surpreso, como esta é generosa como tema arquitetural. Com que prazer desenhei as colunas da Catedral de Brasília, a subirem em círculo, criando a forma desejada! E lembro os contrastes de luz que adotei, tão importantes no interior de uma catedral. Quando projeto uma catedral, reconheço que o prazer que sinto em ver uma obra bem realizada é muito menor do que a importância que lhe dão aqueles que vão frequentá-la, pois é ali que acreditam estarem perto de Deus. Para eles, o ser supremo que, onipotente, tudo criou. Eis como eu posso justificar essa contradição que alguns levantam entre a minha posição de comunista e o meu interesse em desenhar obras de caráter religioso (NIEMEYER, 2009, s/p.).

Niemeyer também projetou outras edificações dentro da arquitetura monumental de Brasília que apesar de não serem religiosas, dialogam com seu longo

portfólio religioso, como é o caso do Panteão da Pátria. É um edifício construído com o objetivo de eternizar a memória de homens que contribuíram para a história do país, como Tiradentes, Zumbi dos Palmares, Dom Pedro I e Tancredo Neves. Foi construído na Praça dos Três Poderes e inaugurado em 7 de setembro de 1986. A data da sua inauguração muito diz sobre o seu desejo de expressar o patriotismo que toma como heróis estes personagens históricos. A ideia de se construir um monumento dedicado a estes personagens políticos do Brasil surgiu quando o ex-presidente Tancredo Neves veio a falecer, fato que causou comoção nacional. O monumento guarda um livro de aço chamado *Livro dos heróis e das heroínas da Pátria*, que alista os nomes de muitos destes personagens. O formato do Panteão se assemelha ao de uma pomba (Figura 5), representando a paz e a esperança, símbolo cristão que provém de uma passagem bíblica do livro de Gênesis, que relata sobre Noé, que após o dilúvio soltou uma pomba para encontrar terra firme. A pomba retorna e lhe traz um ramo de oliveira, representando assim a esperança de se encontrar um local para fundar uma nova civilização, e o selamento da paz entre Deus e os homens.



Figura 5 – Panteão da Pátria

Fonte: Governo do Brasil (2010).

Disponível em: <http://www.brasil.gov.br/old/imagens/brasilia-50-anos/panteao-da-patria/view>

A atribuição do nome – panteão⁴ – nos chama a atenção pelo fato de que essa é a designação atribuída aos templos erigidos aos deuses na cultura greco-romana. O Panteão Romano (27 a.C.) se destacou por sua arquitetura que traz para o interior do edifício a luz solar, que ilumina estátuas de divindades. Apesar de seu projeto original se

⁴ Do grego Πάνθεον que significa “todos os deuses”.

dedicar ao politeísmo, o Panteão Romano posteriormente foi transformado em uma igreja dedicada a Santa Maria e os mártires no ano de 609 pelo papa Bonifácio IV. No período renascentista, se tornou túmulo de renomados artistas, como Rafael Sanzio. Mas seu projeto original, de autoria do cônsul romano Marco Agripa, tinha a intenção de rememorar o mito fundador de Roma, no qual Rômulo teria sido levado aos céus por uma águia, tornando-se uma divindade. A águia com as asas abertas se tornou o símbolo presente no frontão do edifício, que posteriormente foi retirado (IACUZIO, 2015). Mas pode ter sido nele que Oscar Niemeyer se inspirou ao imaginar o formato de uma pomba para o Panteão brasileiro, que por sua vez, também segue a tradição de rememorar os mártires ou personalidades da pátria. Outros panteões fazem parte dessa tradição, como o Panteão de Paris (1790), o Panteão dos Homens Ilustres na Espanha (1899) e o Panteão Nacional de Portugal (1966). Ao lado do edifício do Panteão da Pátria, uma torre guarda a chama eterna, que representa a liberdade do povo brasileiro e a democracia, dois elementos que nunca poderão se apagar.

Considerações Finais

Brasília desde os seus primeiros anos de construção demonstrou um apego muito grande ao catolicismo para corroborar com o seu projeto considerado utópico e ousado para a época. Porém, diante do surgimento de novas formas de religiosidade, o catolicismo iniciou as suas negociações com outras formas de religiosidade. A profecia do santo ascendeu na popularidade entre os grupos esotéricos e espiritualistas e na própria esfera política. Então novos contornos foram se definindo na projeção de uma estética que foi muito além do modernismo e seus utopismos, criando outras representações no campo religioso e místico.

Ao questionar o porquê de uma cidade construída para ser uma capital pautada no modernismo ter motivado tantas interpretações místicas, Deis Siqueira (2003b, p. 39 - 40) debate que Brasília nasceu sob o vislumbre de dois grandes mitos fundadores: o mito da cidade utópica e da terra prometida. Por um lado, a cidade utópica, com todo o seu planejamento urbano e arquitetura moderna, representa o poder político do país e o marco de um novo tempo pautado nos preceitos do belo, do progresso e da modernidade. Contudo, esse mito fundador convergiu com o mito da terra prometida, de caráter místico, a partir das referências ao sonho de Dom Bosco.

O projeto da inauguração de Brasília esteve ligado inicialmente às religiosidades cristãs, sobretudo o catolicismo, que era o predominante no Brasil naquele momento. Mas este catolicismo esteve em progressiva queda a partir da década de 1950, diante de novas formas de religiosidades, precisando se adaptar e atribuir uma identidade ecumênica à Brasília. Portanto, ele teria se tornado mais flexível, já que esses novos grupos estavam se proliferando e migrando para a região, fazendo parte de um processo mais amplo de pluralização religiosa que estava ocorrendo no Brasil.

RELIGIOUS ARCHITECTURE IN THE MODERNIST PROJECT OF BRASÍLIA (DF - BRAZIL): BETWEEN CATHOLICISM AND NEW RELIGIOSITIES

Abstract: This article is the result of research linked to the doctorate that is under development, whose theme is recorded in the embryo analysis of the multiple mystical representations of Brasília. The thematic clipping offers a debate on the presence of religious buildings in Oscar Niemeyer's modernist project. Although a new capital has modern and futuristic characteristics, we realize that this type of modernity does not cause a distancing of religious factor. Theoretically, it discusses with authors from the religious and social sciences, which describe the contemporary religious phenomenon, among which we highlight Mircea Eliade and Peter Berger. This debate is aimed at the twists, or negotiations, that contemporary societies have been perfecting in the face of new spiritualist demands.

Keywords: Brasília. Modernism. Religiosity. Oscar Niemeyer.

Referências

ADRIÃO, Vitor Manuel. Brasília e o Brasil Futuro (Alvorada da Nova Era): **Lusophia**, abr. 2017. Disponível em: <https://lusophia.wordpress.com/2017/04/04/brasilia-e-o-brasil-futuro-alvorada-da-nova-era-por-vitor-manuel-adriao/>. Acesso em 11 de março de 2019.

BERGER, Peter & ZIJDERVELD, Anton. **Em favor da dúvida**: como ter convicções sem se tornar um fanático. Tradução Cristina Yamagami. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012.

CATEDRAL METROPOLITANA NOSSA SENHORA APARECIDA. **História**. Brasília, 2015. Disponível em: <http://catedral.org.br/historia>. Acesso em 03 de julho de 2019.

ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano**. Trad. Rogério Fernandes. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

FRADE, Gabriel. **Arquitetura sagrada no Brasil**. Sua evolução até vésperas do Concílio Vaticano II. São Paulo: Edições Loyola, 2007.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. 1ª ed. 13ª reimp. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

GIUMBELLI, Emerson. Religiões no Brasil dos anos 1950: processos de modernização e configurações de pluralidade. In: **Plura**, Revista de Estudos da Religião, v.3, n.1, 2012. p. 79-96. Disponível em: <http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/106600/000936453.pdf?sequence=1>. Acesso em 05 de junho de 2019.

IACUZIO, Amina. O Panteão Romano. **Janela Itália**, 2015. Disponível em: <http://www.janelaitalia.com/o-panteao-romano/>. Acesso em 03 de julho de 2019.

KUBITSCHKEK, Juscelino. **Por que construí Brasília**. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2000. [Coleção Brasil 500 anos].

LEGIÃO DA BOA VONTADE. Cidadania plena, espiritualidade ecumênica e fé realizante em históricas comemorações. **Boa Vontade Ecumenismo**. Revista apolítica e apartidária de Espiritualidade Ecumênica. Edição comemorativa de 8/11/2014. São Paulo: Editora Elevação, 2014.

MARQUEZ, Mara Souto. **A escala monumental do plano piloto de Brasília**. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) - Universidade de Brasília, 2007.

MÜLLER, Fábio. Catedral de Brasília, 1958-70: redução e redenção. **Cadernos de Arquitetura e Urbanismo**, Belo Horizonte, v. 10, n. 11, p. 9 - 33. Dez, 2003. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/Arquiteturaeurbanismo/article/view/754/728>. Acesso em 09 de abril de 2019.

NIEMEYER, Oscar. Em artigo, Niemeyer explica a contradição entre sua posição comunista e o desenho de obras de caráter religioso. **Correio Braziliense**. Brasília, 5 de jul. 2009. Disponível em: http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2009/07/05/interna_cidadsd,123889/em-artigo-niemeyer-explica-a-contradicao-entre-sua-posicao-comunista-e-o-desenho-de-obras-de-carater-religioso.shtml. Acesso em 18 de março de 2019.

NIEMEYER, Oscar. Forma e função na arquitetura. **Módulo**, Rio de Janeiro, n.21, p.3-7, dez, 1959. Disponível em: <http://icaadocs.mfah.org/icaadocs/THEARCHIVE/FullRecord/tabid/88/doc/1110349/language/en-US/Default.aspx>. Acesso em 06 de maio de 2019.

NIEMEYER, Oscar. **Minha experiência em Brasília**. 4ª ed. Rio de Janeiro: Revan, 2006.

PIERUCCI, Antônio Flávio de O. Bye, bye, Brasil. O declínio das religiões tradicionais no Censo 2000. **Estudos Avançados**. vol.18. n.52. São Paulo Set./Dec. 2004. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142004000300003. Acesso em 01 de junho de 2019.

SANTUÁRIO DOM BOSCO. **Histórico e Relíquia de Dom Bosco**. Brasília, 2018. Disponível em: <http://santuariodombosco.org.br>. Acesso em 03 de abril de 2019.

SCOTTÁ, Luciane. **Arquitetura religiosa de Oscar Niemeyer em Brasília**. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) - Universidade de Brasília, Brasília, 2010.

SECRETARIA DO ESPORTE, TURISMO E LAZER DE BRASÍLIA. **Brasília e seus atrativos turísticos**. Brasília, 2017. Disponível em: http://www.turismo.df.gov.br/wp-content/uploads/2017/12/Guia-Roteiros-Brasilia-Portugues_.pdf. Acesso em 10 de fevereiro de 2019.

SILVA, Ernesto. **História de Brasília**. Rev. Pedro Rabelo Mendes. Brasília: Editora de Brasília, Ltda., 1971.

TAMANINI, Lourenço Fernando. **Brasília: Memória da Construção**. Brasília: Royal Court Editora, 1994.

VASCONCELOS, Adirson. **A epopeia da construção de Brasília**. Brasília: Centro Gráfico do Senado Federal, 1989.

SOBRE A AUTORA

Pepita de Souza Afiune é doutoranda em História pela Universidade Federal de Goiás (UFG); Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

Recebido em 22/10/2019

Aceito em 03/03/2020